

VALE DA RIBEIRA: A CULTURA, O MEIO AMBIENTE E A ARQUITETURA DO MUNICÍPIO DE ELDORADO*

** Paula Fernandes Dias

*** Antônio Fernandes Nascimento Júnior

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a relação entre cultura, meio ambiente e arquitetura vernacular dos bairros rurais pertencentes ao município de Eldorado, no Vale do Ribeira, SP, constituídos por famílias que vivem da subsistência local e possuem cultura artesanal singular.

Essas comunidades vivem uma situação de confronto entre as pressões econômicas e as preocupações com o meio ambiente local. Acha-se em jogo a posse de terras da população negra que luta para preservar seu patrimônio cultural.

ABSTRACT

The target of this work is to analyse the relationship between the culture, environment and the vernacular architecture of the rural districts of the city of Eldorado, in vale da Robeira, State of São Paulo, make their living our of district supprt and have peculiar hanciwork culture.

Such communities face a situation of confrontation between economic pressures and concern for clocal environment. the possession of the cand by black people, who struggle to preserve their cultural patrimony, is at stake.

Unitermos: crise ecológica, arquitetura vernacular e comunidades rurais.

INTRODUÇÃO

O município de Eldorado, situado no Vale do Ribeira, vive uma situação de confronto entre as pressões econômicas, na forma da possibilidade de instalação de hidrelétricas na região, e as preocupações de preservação do meio ambiente local. De um lado sonhos com empregos, melhores condições de vida, algo de desenvolvimento

*Trabalho de Dissertação Mestrado - FAAC - Universidade Estadual Paulista - Campus Bauru-SP.

**Alunas do Programa de Pós-Graduação - Planejamento Urbano e Regional - Assentamentos Humanos - FAAC - Universidade Estadual Paulista - Campus de Bauru-SP.

***Docente do Departamento de Ciências Humanas - FAAC - Universidade Estadual Paulista - Campus de Bauru-SP.

sustentável; de outro, temores relativos à destruição dos recursos naturais. Em jogo também se encontra a posse de terras das populações negras remanescentes de quilombos, que lutam para preservar seu patrimônio cultural.

Estas questões são localizadas refletem, de fato, uma problemática muito mais ampla, complexa e universal (com especificidade de país subdesenvolvido). O nosso tempo mostra uma crise de valores que vai desde os conceitos de homem, natureza e cultura às noções de desenvolvimento e preservação da vida no planeta.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação entre cultura e meio ambiente, através da conjuntura atual do município de Eldorado. Para tal foram levantadas as características geográficas e sócio-econômicas do Vale do Ribeira, seguidas da descrição do município de Eldorado e a Arquitetura Vernacular existente. Finalizando, são tecidas algumas considerações finais.

No quadro da arquitetura, por conseguinte, encontramos formas persistentes na organização espacial, sistemas construtivos, partidos e intenções plásticas.

Na simplicidade de tais arquiteturas encontramos informações preciosas para se estudarem os sistemas construtivos tradicionais.

O VALE DO RIBEIRA

Localização geográfica e aspectos físicos da região

O vale do Ribeira encontra-se na porção sul do Estado de São Paulo. A região possui como subsede o município de Registro. Fazem parte desta os municípios de Cananéia, Iguape, Jacupiranga, Juquiá, Miracatu, Barra do Turvo, Pariquera-Açu, Sete Barras e Eldorado.

O município encontra-se nas coordenadas: latitude S, entre 24 e 25 graus, e meridiano de 48 graus a W de Greenwich.

O embasamento geológico constitui-se predominantemente de rochas pré-cambrianas e, em menor escala, de terrenos anozóicos quaternários ao longo dos vales dos principais rios, de origem sedimentar.

A região do Vale do Ribeira compreende terrenos com altitude até 100m, por isso é conhecida como "Baixada do Ribeira".

A porção ocidental da região é determinada pela Serra de Paranapiacaba; possui altitudes que chegam até 1200 metros; daí nascem inúmeros afluentes e sub-afluentes de seu médio curso. A sudoeste aparecem elevações montanhosas denominadas regionalmente de: Serra do Jaguari, do Guaraú e da Mandira com altitudes até 800 metros.

A Serra do Itatins aparece no centro norte da região, cujo ponto culminante é conhecido como Pico Dedo-de-Deus, com 1300 metros.

No litoral, várias ilhas de restinga e barras compõem o cenário.

O Rio Ribeira nasce perto de Vila Velha (PR), nos contra fortes da Serra de Paranapiacaba, percorrendo 502 km até sua foz, depois de atravessar uma enorme baixada no litoral, desaguando no Atlântico na altura da cidade de Iguape. Os principais afluentes do Rio Ribeira são: à margem esquerda, o Rio Juquiá e à margem direita, o

Rio Jacupiranga, ambos com sua foz em seu médio e baixo curso, respectivamente. O regime do Rio Ribeira, embora dependente das chuvas de verão, apresenta certa homogeneidade nas quatro estações do ano, devido à presença reguladora do oceano, que contribui com elevado índice pluviométrico na região, acima de 1500 mm anuais.

O Vale do Ribeira está localizado geograficamente em região de clima subtropical. Entretanto, como os limites para essa classificação não são rígidos, é considerado tropical. O trimestre mais chuvoso é de janeiro a março, não possuindo um período caracteristicamente seco, visto que sua proximidade com o Oceano Atlântico mantém-no em regime de elevada pluviosidade. No verão sofre a ação de massas de ar continental, enquanto que no inverno, da tropical Atlântica.

Os ventos que vêm do oceano Atlântico carregados de umidade, ao encontrarem no continente a Serra do Mar, com cerca de 900 metros de altitude, erguem-se para superá-la com esta elevação, o ar se resfria e o processo de vapor de água se precipita em forma de chuva ou nevoeiro. Algumas correntes atmosféricas que vêm de locais diferentes, como por exemplo, a corrente polar e a equatorial, encontram-se nessa região e por terem teores de umidade e temperatura, provocam chuvas. Esse é um dos mecanismos que explicam as enchentes que ocorrem no Vale do Ribeira, predominantemente no mês de maio, quando se dá a entrada de frentes frias. Isto explica os altos índices pluviométricos, relativamente bem distribuídos durante o ano, porém com maior concentração no verão.

Aspectos sócio-econômicos: um breve histórico regional

A região do litoral sul do Estado de São Paulo, no início do século XVI, recebeu inúmeros exploradores e colonizadores ávidos de ouro e prata.

Inicialmente foram fundados, pelos colonizadores portugueses, dois pequenos núcleos - Cananéia e Iguape. Ambos possuíam uma posição geográfica privilegiada. Cananéia controlava estrategicamente a navegação do Mar Pequeno e Iguape, junto ao mar e estuário do Rio Ribeira, dominava a navegação para o interior.

A articulação com o interior, através do Vale do Ribeira, levou à formação de outros pequenos núcleos que tinham por objetivo a procura de metais preciosos. Com a descoberta do ouro na região da Serra de Paranapiacaba, a navegação aumentou tanto no Ribeira quanto nos seus principais afluentes. As origens de Registro, Eldorado Paulista (antiga Xiririca), Juquiá, Jacupiranga e Sete Barras estão relacionadas com o processo de penetração para o interior, principalmente para a procura do ouro, através das vias fluviais.

No início da colonização, o Rio Ribeira de Iguape e alguns de seus afluentes eram perfeitamente navegáveis, o que facilitava ainda mais o adentramento de portugueses e espanhóis. A navegação prolongava-se até Eldorado, onde começavam os trechos com corredeiras devido ao declive, fato que influenciou a forma de ocupação do Vale. Durante muito tempo as embarcações subiram o Ribeira até Eldorado, onde as cargas e os passageiros eram colocados em canoas até Iporanga, pelo Vale do Betari, ou em lombo dos muares, quando também tinham que transpor a Serra de Paranapiacaba.

No século seguinte, a mineração entrou em decadência (em vista da mineração

nas Minas Gerais, cuja rentabilidade motivou a arregimentação da mão-de-obra de outras regiões), mas a atividade portuária era grande, com a presença de estabelecimentos para a construção naval em Cananéia e desenvolvida exportação de produtos agrícolas. A atividade agrícola também expandiu-se tendo como mão-de-obra o escravismo tanto indígena como africano. A agricultura de subsistência, subsidiária da mineração, deu lugar a uma economia de mercado por diversos produtos agrícolas, destacando-se a mandioca e o "arroz de Iguape" que, por sua importância no comércio exterior, tornou-se fator da economia regional, à semelhança do que representou a cafeicultura no Planalto (FRANÇA, 1984).

Assim, no século XIX, Iguape se transforma no primeiro produtor de arroz do Brasil e também conhecido no exterior. Outros povoamentos surgem, produzindo outros tipos de alimento, como o caso de Barra do Touro, com plantações de milho e criação de porcos.

O Porto de Iguape, neste período, se igualava em importância a Santos, Rio de Janeiro e Florianópolis. Mas um acontecimento fez com que estagnasse o processo de desenvolvimento desta região em curto período; o assoreamento da barra provocado pela construção do canal do Vale Grande em Iguape, ocasionando a desativação do porto. Com este acontecimento, ocorreu a ascensão do Porto de Santos, que já vinha acontecendo graças à conquista da produção cafeeira; como consequência, a região entrou em decadência.

A estagnação econômica do Vale acentuou-se com a abolição da escravatura; a produção de arroz da região perdeu competitividade e somado ao problema do transporte, tornou-se inviável.

A política de incentivo à imigração, que vem do início do século XIX, ainda na época da cultura do arroz, intensifica-se logo após a decadência da cultura do café. No Vale do Ribeira, a imigração, fundamentalmente japonesa, passa a ser feita através de uma companhia própria a KKKK (Kaigai S/A Industrial de Além-Mar), que garantirá algumas condições de fixação desse povo na região.

O renascimento econômico da região deu-se no início do século XX, principalmente às custas da mão-de-obra de imigrantes japoneses.

A partir de 1.940, começa um período de pequena recuperação econômica representada pela banana e pela expansão da produção do chá. A banana, sendo uma cultura natural da região, devido às condições climáticas e ao solo propício ao seu desenvolvimento, e de fácil comercialização, tornou-se um produto incorporado à economia regional.

A cidade de Registro, entre 1.935 a 1945, produzia 60% do chá no Brasil. Em 1953 foi criada a estação experimental de Pariquera- Açu, com o objetivo de estudar o chá, o que possibilitou o aumento da produção. Já na década de 70, a lavoura do chá cresce mais de 20% ao ano e a da banana 8% ao ano.

Com a construção da BR-116, a especulação imobiliária intensificou-se e o isolamento da região diminuiu. Com a melhoria do sistema viário regional, o Vale do Ribeira passou a chamar a atenção de outras cidades, principalmente de São Paulo, que encontrou no Vale uma região fértil e pouco explorada, mão-de-obra abundante e barata

e uma linda paisagem costeira.

Alguns programas surgiram para acelerar o desenvolvimento tecnológico, a capitalização da produção e acentuar a exploração dos recursos naturais da região. Alguns setores como a mineração de calcário, apatita, galena argentífera e ouro foram sendo conduzidos para o setor privado. Os recursos naturais ainda são pouco conhecidos, mas há tentativa de cultivo de cacau, guaraná, baunilha e palmito. No Vale ainda persiste o extrativismo de lenha, carvão vegetal, turfa e palmito. A agropecuária ocupa cerca de 25% da população, sobressaindo-se a cultura da banana e chá, como já foi abordado, e a criação de bubalinos.

A atividade pesqueira desenvolve-se na região de camarão, tainha, robalo, corvina, manjuba e outros.

A população é predominantemente rural, com excessão apenas do município de Registro; mesmo assim é bem pequena a diferença entre a população urbana e rural.

Atualmente o Vale enfrenta, talvez, um problema mais grave do que aqueles que enfrentou há quatro séculos anteriores: o crescimento desordenado, aliado a uma política imobiliária autorizada muitas vezes pelas próprias autoridades locais, o que está levando à devastação do verde local.

A ocupação recente do espaço agrícola vem oferecendo grande pressão sobre as áreas de conservação, desconsiderando as limitações legais. Isto se dá pela falta de infra-estrutura, de eficiente serviço de extensão florestal e policiamento condizente, pondo em risco até mesmo as unidades de conservação, como os parques estaduais e as estações ecológicas criadas na Região.

As principais causas da marginalização do Vale no desenvolvimento econômico, são a precariedade das vias de acesso, dos serviços e equipamentos públicos e do saneamento básico, a questão fundiária e as dificuldades para se inserir na economia de mercado.

Como podemos observar no presente trabalho, o município de Eldorado (antiga Xiririca), foi muito importante para a forma de ocupação do Vale do Ribeira.

FIGURA 1 - A SUB-REGIÃO DO VALE DO RIBEIRA
LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ELDERADO

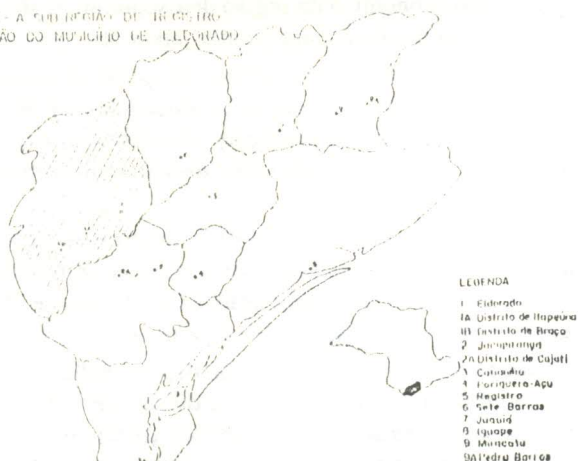


FIGURA 2 - MUNICÍPIO DE ELDORADO
LOCALIZAÇÃO DOS BAIRROS RURAIS



LEGENDA

1. Bairro Turvo do Etá
2. Bairro Quadro do vezeiro
3. Bairro Prim. Ilha
4. Bairro Ilha Rasa
5. Bairro Colácongá
6. Bairro Pitone
7. Bairro Areado Grande
8. Bairro Xiririca
9. Bairro S. Cristóvão
10. Bairro Bulha
11. Bairro Iaqueri
12. Bairro da Serrinha
13. Bairro Barra do Batalal
14. Bairro Areado
15. Bairro Areadinho
16. Bairro Ivaporunduva
17. Bairro Nhunguara

ELDORADO

Localização do Município e seus Bairros Rurais

A cidade de Eldorado, como já foi enfocado neste trabalho, encontra-se na porção sul do Estado de São Paulo, no Vale do Ribeira que compõe uma sub-região e possui como subsede o município de Registro (Veja Figura 1).

Eldorado delimita-se com os municípios de: Sete Barras (NE), Registro (L), Jacupiranga (SE-S), Barra do Turvo (S-SO), Iporanga (O-NO) e Capão Bonito (N). O município possui dois distritos: Braço e Itapeúna. Possui também 17 bairros rurais (Veja Figura 2).

A população do município, segundo o censo demográfico de 1.991, totaliza 13.120 pessoas, dos quais 6.785 são homens e 6.335 mulheres. A Tabela 1 apresenta a distribuição das populações de Eldorado e seus distritos em função das porções masculina e feminina. A população rural é predominante no município, como se pode ver na Tabela 2.

Tabela 1 - População de Eldorado e distritos em função do sexo.

Fonte: IBGE, 1.991.

	Eldorado	Braço	Itapeúna
Homens	4.332	966	1.487
Mulheres	4.138	831	1.366
Total	8.470	1.797	2.853

Tabela 2 - Populações urbana e rural de Eldorado e distritos.

Fonte: IBGE, 1.991.

	Eldorado	Braço	Itapeúna
Urbana	4.879	331	575
Rural	3.591	1.466	2.278

Eldorado soma um total de 5.785 pessoas na área urbana e 7.335 na área rural. Isto nos leva a crer que a população deste município subsista da produção rural, advindo as características da região do Vale, como já foram mencionadas.

Bairros Rurais

Eldorado possui 17 bairros rurais: Bairro Turvo do Etá, Quadro do Vergueiro, Prim. Ilha, Ilha Rosa, Caiacanga, Pitione, Areado Grande, Xiririca, São Cristóvão, Bulha, Taquari, Serrinha, Barra do Batatal, Areado, Areadinho, Ivaoporunduva, Nhunguara.

Ao longo do Rio Ribeira e seus afluentes, as comunidades rurais se projetam preservando o meio ambiente, enquanto que as construções de barro e sapé e as culturas ocupam as margens dos rios. Estas comunidades de Eldorado, que são consideradas bairros, são constituídas por famílias que vivem da subsistência local e possuem cultura artesanal singular.

As peças de barro que não são queimadas e as peças de madeira são dos bairros Areado e Areadinho. Na própria cidade de Eldorado, encontramos peças de bambu e o crochê sendo executados. Essas comunidades rurais são tão antigas quanto a cidade de Eldorado, que era conhecida como Vila de Xiririca.

As plantas das casas compõe-se de um retângulo, contendo uma sala, dois quartos e uma cozinha. Corredores de ligação praticamente inexistem. Geralmente todos esses cômodos têm dimensões bastante reduzidas. Sempre existe uma porta da frente na sala e uma nos fundos na cozinha, salvo uma ou outra exceção, pouco expressiva.

A arquitetura das casas e de suas plantas lembra muito a das casas urbanas da época da Colônia e do Império. É possível admitir que se originem de um mesmo veio cultural, sendo as residências rurais mais singelas nos materiais e nas dimensões. (Costa, 1.994)

Já hoje, há casas que são construídas de blocos de concreto; essa mudança significativa no material altera pouco o partido das construções.

No início da década de noventa, os moradores do município de Eldorado se organizaram politicamente em função dos projetos de barragens planejados pelo Estado e pela iniciativa privada, que poderiam inundar a área. (Terra Sim, Barragem Não, 1.991); Vieira e Col, 1.994 e Santos e Col.1.994).

PROJETO DE HIDRELÉTRICAS

Mediante o panorama traçado até aqui, será introduzida uma questão de debate que envolve o direito à terra das populações negras remanescentes de quilombos, um plano de suposto "desenvolvimento" para a região e as preocupações com o meio ambiente. Trata-se do projeto de hidrelétricas para o Vale do Ribeira.

Este projeto prevê a construção de quatro barragens para as hidrelétricas de Batatal, Funil, Itaoca e Tijuco Alto. Esta ambiciosa idéia de geração de energia elétrica para se concretizar, terá de inundar não só todas as comunidades negras da região - em número aproximado de vinte - como também grande parte do Vale. As quatro usinas deslocariam cerca de oito mil pessoas e inundariam um total de 9.500 ha, para produzir 423 megawatts de energia elétrica, cuja maior parte serviria à expansão da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), do Grupo Ermírio de Moraes.

Oitenta e sete famílias de Iaporanduva estão organizadas para combater o risco de terem de abandonar o povoado, como podemos observar no depoimento do líder da comunidade José Rodrigues, no XII Encontro Anual de Etologia, na cidade de Cananéia SP:

"O quilombo tá vivendo uma época de ameaças né, tem vários projetos do Governo que querem fazer hidrelétrica, (...) se elas forem construídas tudo vai ficar embaixo d'água. Então a gente tem uma briga aí também, uma luta prá permanecer, prá manter, sabe, o nosso povo, a nossa cultura (...), é uma luta assim bastante difícil, porque é o poder econômico contra a nossa organização."

Além disso, estas famílias, juntamente com as demais comunidades negras da região, como Pilões e Praia Grande, querem o reconhecimento do direito de posse legal da terra em que vivem, terra de seus antepassados.

O artigo 68 das Disposições Transitórias da Constituição Federal de 1.988 diz que "aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir os títulos respectivos". Diante disto, estão sendo colhidos documentos e materiais necessários para dar entrada no processo de reivindicação de posse na Procuradoria Geral da República. As comunidades contam com o apoio de advogados, um etnólogo e um

topógrafo, além da paróquia de Eldorado que viabilizou um projeto de cooperação financeira com uma entidade católica da França para custear todo o trabalho.

A RELAÇÃO ENTRE CULTURA E MEIO AMBIENTE

Abordando as relações entre cultura e meio ambiente, Oliveira (1992) aponta a atual crise ecológica como algo muito mais profundo do que pode parecer. É, segundo o autor, uma crise do padrão de racionalidade que marcou a primeira forma de civilização do planeta, é uma crise de metafísica, de filosofia primeira.

A filosofia primeira da modernidade, chamada de "filosofia transcendental" no discurso de Kant, fez emergir o homem como sujeito e tem seu grande mérito no esforço de restabelecer a razão da vida humana. Trata-se de uma razão exclusivamente de cunho subjetivo. O homem, nesta visão, pode experimentar-se como criador do real para si mesmo. Isto altera, por exemplo, o seu conceito de natureza, pois ela vai surgir, em última análise, como "construção do homem", que a ele se contrapõe radicalmente como matéria-prima de sua ação. Desta forma, o homem passa a sentir-se o possuidor da natureza (OLIVEIRA, 1992).

Esta concepção, por outro lado, abre espaço para o surgimento da ciência moderna da natureza (a física), enquanto saber que tem como finalidade tornar eficiente a intervenção do homem na natureza e sua efetuação adequada, a técnica cientificamente mediada.

A modernidade se caracteriza por uma relação mútua da ciência, técnica e economia. Sem a utilização de métodos técnico-científicos a economia moderna não teria atingido o atual patamar de eficiência. Da mesma forma, sem os interesses econômicos, o desenvolvimento técnico-científico na modernidade se torna inviável.

A memória, como patrimônio natural e cultural da região, é fundamental para trabalhar a sistematização do conhecimento. Por exemplo, levantamentos geográficos sobre a área fornecem elementos para avaliação da riqueza mineral local; os estudos de Espeleologia do Alto Ribeira (Apiá, Iporanga e Eldorado) revelam o magnífico patrimônio natural que existe sob a forma de cavernas; os levantamentos geográficos, os estudos de arquitetura e antropologia, os das manifestações culturais populares etc.

A memória se manifesta também nas formações geológicas, vegetais e faunísticas da natureza que podem ser conservadas sob a forma de Reservas, Parques, Estações Ecológicas, Áreas de proteção Ambiental.

A memória ainda se revela nos movimento da sociedade como um todo, que pode se expressar em atividades culturais, políticas, econômicas etc. Ela pode ser preservada e documentada por meio de publicações, patrimônios tombados, acervo de museus e áreas preservadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tópico anterior apresenta importantes reflexões a respeito do entendimento filosófico da relação entre homem e meio ambiente, ou melhor, entre cultura e a natureza. Estas considerações pretendem, de modo sintético, salientar a atualidade de

tais formulações e personificá-las através do exemplo do município de Eldorado.

Foi evocada a visão da chamada "filosofia transcendental" para caracterizar a postura do ser humano dominador da natureza através da técnica (tecnologia). Atualmente em Eldorado, e por que não, em todo o Brasil prevalece, baseado num capitalismo rude, a ansiedade para o controle dos recursos naturais, no caso a produção de energia elétrica.

A crise ecológica, à qual se refere o autor, pode ser representada em Eldorado pelo jogo de forças entre o poder econômico do Grupo Votorantin (responsável pela construção de uma das hidrelétricas) e os grupos ambientalistas que cooperam com as comunidades negras e a população contrária às hidrelétricas. do ponto de vista da filosofia, o combate pode ser equilibrado; surgem idéias e pressupostos para as noções de desenvolvimento sustentável e preservação do meio ambiente; no entanto, do ponto de vista prático, o combate reflete um comportamento vicioso. Nos países subdesenvolvidos, como o nosso, as regras do jogo não são iguais para ambos os jogadores. O poderio econômico suplanta, de longe, as organizações ambientais e os interesses globais da sociedade.

Os depoimentos são exemplos vivos da desinformação e "deseducação" ecológica de alguns moradores. Ao mesmo tempo refletem a competência de alguns em contra-argumentar as idéias do "falso" desenvolvimento. As opiniões da população de Eldorado refletem a complexidade e diversidade de preocupações necessárias com a questão ambiental, assim como mostram as contradições de uma sociedade em crise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, C.R. *Pesquisa Participante*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1.981.
- COSTA, J.P. O. **Aiurioca: Matuto e Pedra do papagaio: Um estudo de conservação do Meio Ambiente natural e Cultural**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1994.
- **Documento das organizações da Sociedade Civil Eldorado; Terra Sim, Barragens Não**. Editado no Encontro: As Hidrelétricas e o Desenvolvimento no Vale do Ribeira, organizado pelas ONGs e Sindicatos de Registro, 30 e 31 de agosto de 1.991.
- FRANÇA, S.C. **A ocupação de matas primitivas no Vale do Ribeira: desmatamento e desenvolvimento**. Jaboticabal, Universidade Estadual Paulista: Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias. 52p. (Trabalho de Graduação), 1.994.
- I.B.G.E. **Censo demográfico - Resultados do universo relativo as características da população e dos domicílios**. São Paulo, Nº 21, pag. 57 e 203, 1.991.

- INSTITUTO AGRONÔMICO. **Macrozoneamento das terras da região do Rio Ribeira de Iguape.** SP, 181p. Ilust. 2 mapas, Boletim Científico, 19, 1.990.
- MERLIM F., O. **A ocupação da Terra e sua forma de destruição e utilização entre as famílias do antigo quilombo de Ivaporunduva no Vale do Ribeira.** S.P. II Congresso de Ecologia do Brasil, vol. 2 - pag. 646 - Ecologia Humana - Universidade Estadual de Londrina - Sociedade de Ecologia do Brasil, Londrina, Pr., 1.994.
- MUSSOLINI, G. **Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro.** In: E. SCHADEN (Org.). Homem, Cultura e Sociedade no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1.972.
- NASCIMENTO JÚNIOR, A.F. **IVAPORUNDUVA: A organização e os hábitos de um antigo quilombo no Vale do Ribeira.** Anais de Etologia 12:91-102 - Sociedade Brasileira de Etologia, Cananéia, S.P., 1.994.
- OLIVEIRA, M. A. **Cultura e natureza.** Síntese - Nova Fase, Vol. 19, Nº 58, Julho-Setembro, 1.992.
- PELLEGRINI Jr, A. **Ecologia, Cultura e Turismo.** Campinas: Papirus, 1.993.
- Programa de Educação Ambiental do Vale do Ribeira - Coordenação da Secretaria do Meio Ambiente e da Secretaria da Educação - 2ª ed. Série Educação Ambiental - SP, 1.992.
- SANTOS, J. R.; SANTOS, C. M. E NASCIMENTO JÚNIOR, A. F. **A Proteção Ambiental e o Assentamento de Eldorado - SP.** Estudo de Caso. Resumos do I Congresso Brasileiro de Análise Ambiental, pp 79-80, UNESP, Rio Claro, 1.994.
- SEM FRONTEIRAS. **Sonhos muito antigos de liberdade.** São Paulo, Novembro, 1.993.
- SILVEIRA, C. A. **O Estudo do Patrimônio Natural e Cultural da comunidade rural de Ivaporundura no Vale do Ribeira, S.P.** II Congresso de Ecologia do Brasil, Londrina, PR., 1.994.
- VAZ, H. C. L. **Cultura e seus fins.** Síntese - Nova Fase, vol. 19, Nº 57, Abril - Junho, 1.992.
- VIEIRA, R. L.; SPAGNOL JÚNIOR, N. A. E NASCIMENTO JÚNIOR, A. F. **Estudos Preliminares do núcleo de Ivaporunduva: uma discussão acerca do desenvolvimento do Vale do Ribeira - SP.** Resumos do I Congresso Brasileira de Análise Ambiental, pp 125-1126, UNESP, Rio Claro, 1.994.